

SCHUNCK, Tatiana. **CONVERSAS IMPREVISTAS EM EXPERIÊNCIAS COM O OUTRO NA RUA: O QUE ELAS GERAM EM NÓS?** São Paulo: Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”. UNESP; Mestrado; Orientadora Luiza Helena da Silva Christov.

RESUMO:

O presente artigo é parte da pesquisa em Mestrado em Arte e Educação que pretende descobrir que narrativas podem ser criadas a partir da experiência de conversas entre desconhecidos nas ruas da cidade de São Paulo; sobretudo em conversas nem planejadas, nem combinadas a priori. A particularidade dessa experiência é estar vinculada a modalidades de encontro entre autores e passantes bastante próximas àquilo que Bourriaud¹ descreve como sendo uma "estética relacional". O foco da reflexão está na relação que a conversa permite entre pesquisadora e público, revelando a necessidade da presença de um corpo disponível, tanto para o encontro com o outro, como para a produção da escrita.

Palavras-chave: Experiência; Narrativa; Diálogo; Alteridade.

RESUMEN:

Este artículo para Comunicación forma parte de la investigación de la Maestría en Arte y Educación que pretende descubrir que narrativas pueden crearse a partir de la experiencia de conversaciones entre desconocidos en las calles de la ciudad de São Paulo, accionadas por fragmentos literarios; sobretudo en experiencias de conversaciones no planeadas, ni combinadas a priori. La particularidad de esa experiencia es que esta vinculada a modalidades de encuentro entre autores y transeúntes bastante próximas a lo que Bourriaud[1] describe como siendo una "estética relacional". El foco de la reflexión está en la relación que permite la conversación entre el investigador y pública, revelando la necesidad de la presencia de un cuerpo disponible tanto para el encuentro con el otro, como para la producción de la escritura.

Palavras-chave: Experiencia; Narrativa; Diálogo; Alteridad.

Introdução

O presente artigo é parte da pesquisa em Mestrado em Arte e Educação que pretende descobrir que narrativas podem ser criadas a partir da experiência de conversas entre desconhecidos nas ruas da cidade de São Paulo, sobretudo em conversas que não foram planejadas, nem combinadas a priori. Os aspectos fundantes da estética relacional que queremos abordar aqui consideram a prática artística como lugar de arte compartilhada, onde a presença do outro (o espectador) completa a obra ao participar da elaboração do seu sentido. Considerando a prática artística como um campo fértil para experimentações sociais, como horizonte teórico que toma a esfera das

1

relações humanas como lugar de criação e expressão, cujo substrato é dado pela intersubjetividade e que tem como tema central o *estar junto*.

Embora Nicolas Bourriaud oriente sua reflexão a partir de mudanças perceptíveis especificamente nas artes visuais, os aspectos relativos a uma arte compartilhada, são pontos que também revelam mudanças significativas na relação entre artista e espectador, sobretudo no teatro. A relação de intersubjetividade entre os artistas teatrais, a cena e os espectadores precedem a própria noção da arte moderna, e se remetem às formas elementares da vida em sociedade, ao acontecimento do ritual como expressão histórico/cultural, ao diálogo como experiência de formação.

Essa iniciativa de pesquisa nasceu dentro do Projeto de Licenciatura em Teatro, sob o título *Do cotidiano urbano à escrita literária*, na Universidade de São Paulo no ano de dois mil e treze, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lucia de Souza Barros Pupo. Dando continuidade à pesquisa no Mestrado, sob o título *Ações de arte e educação na rua: questões e aprendizados no estar com o outro*, sob a orientação da Professora Doutora Luiza Helena da Silva Christov, pretendemos nos debruçar sobre os aspectos artístico-educacionais relevantes da experiência das conversas em que se refletem a prática artística como um campo fértil de experimentações sociais; para verificar quais conversas produzimos nas ruas entre desconhecidos, para refletir sobre os sentidos que produzimos a partir dessas conversas, para identificar quais corpos agiram sobre a pesquisa e sobre a possibilidade de uma arte relacional (BOURRIAUD, 2009).

O que estávamos considerando como ações de arte e educação seriam ações que fundassem algum encontro entre pessoas, constituídas no campo artístico e inseridas numa dimensão relacional. Ações interativas que funcionassem como dispositivo relacional com alto grau de alteridade, que gerassem encontros casuais e coletivos, que estivessem atentas à observação e à captura de rastros significativos ao nosso redor e como oferta de escuta ao outro. Estas ações aconteceram em diferentes locais como: ruas, pontos de ônibus, padarias, praças, escadarias, calçadas, farmácias, terminais urbanos, praças de alimentação, metrô, ônibus, comércios, entre outros.

As ações nas ruas e as construções narrativas a serem observadas neste artigo surgiram da proposta de intervenção da pesquisadora, a "Performance de uma pessoa escrita" realizada nas ruas da cidade de São Paulo e nas unidades dos SESCOs: Sorocaba, Itaquera, Santo André, Carmo, Pinheiros, Belenzinho, Consolação, entre outros. Esta ação é realizada com a máquina de escrever, onde a pesquisadora registra em tempo real as conversas, criando assim as narrativas destas experiências em parceria com os passantes.

Os encontros se deram entre pesquisadora e passantes a partir da conversa com a máquina de escrever. Esta ação registrava as conversas em tempo real ao encontro, revelando a transformação do objeto real (a máquina de escrever) em objeto relacional, quando agiu como dispositivo de conversa e como referência para o convívio.

Performance de uma Pessoa Escrita

A reflexão deste artigo pretende observar esta intervenção a partir da investigação de alguns pontos: que narrativas foram criadas em conversas entre desconhecidos nas ruas da cidade de São Paulo com a presença do objeto “relacional”(a máquina de escrever)? Quais corpos são ativados para o encontro com o outro que não conhecemos? Quais sentidos produzidos a partir destes encontros?

A relação do pesquisador autor com o passante (também autor) que narra a sua história é estreitada à medida que ambos oferecem narrativas densas de referências a experiências de vida e modos de ser que interessam ao universo do educador, do criador literário, do artista relacional e do pesquisador voltado para o exame das possibilidades de se transformar experiências em palavras.

Quem corpo quer conversar com um estranho?

Criar é criar a si mesmo. (BOURRIAUD, 2011, pg.14)

Para realizar uma ação que se inicia ao sair de casa, ao andar pelas ruas à procura de alguém que não conheço para conversar e para escrever junto, é preciso se entender a si mesmo como um sujeito exposto. Como um sujeito que considera como ponto de partida “a existência na relação com o outro”. Que deseja ir ao outro, que deseja *estar com*. E esta relação com o outro possui a densidade e a força de princípios vistos como requisitos primordiais da existência. A conversa que é encontrada em nossas ações é um imprevisto nessa situação de oposição eu/outro, imprevisto este que é relacional porque passa ao longo de “modos de vida” que são tão emaranhados e mutuamente sensíveis como são os caminhos de pedestres nas ruas. E por isso mesmo, está no potencial dinâmico de todo um campo simbólico de relações e que pode trazer às pessoas situadas na experiência da conversa, novas elaborações sobre a nossa existência na relação eu/outro, elaborando com o outro, o sentido (ou a ausência de sentido) do que nos acontece.

Para quem decide ir ao encontro do outro nessa experiência singular da conversa, não há roteiro previsto, trata-se de estar presente, improvisar e mergulhar na experiência. E esta presença articulada em experiência de conversa é, portanto, relacional, é continuamente sintonizada e sensível ao retorno do outro, e só existe na relação com este outro. Isto também significa que essa presença está inserida naquilo que é efêmero, temporal, que não se recolhe num único instante, mas que se dá na troca de tempos e que se cria enquanto se perde.

Alguns gestos, alguns relatos, alguns modos de existência me parecem dignos da mesma atenção que uma escultura ou um quadro. [...] Ao concretizar em sua obra uma relação com o mundo, o artista moderno altera o curso de sua vida, transforma-a, corrige-a, sugere-a como modelo a ser investido. (BOURRIAUD, 2011, pg. 17)

Nessa direção, é como se estivéssemos perseguindo o desvelar de um primeiro encontro, desejando abrir uma história junto. Buscar com sensibilidade chegar à essência desse primeiro encontro; atingir algum elemento não material que o caracteriza e identificar sua função significativa, onde a realidade e a evasão da vida real são seus traços determinantes. O foco não é chegar à realidade em si, mas chegar a alguma possibilidade do real, no instante em que nos deparamos com esse outro para conversar, sem a proteção de um personagem, ou proposta cênica. Simplesmente, colocamo-nos disponíveis diante desse outro, no seu-nosso instante de realidade urbana. E a partir dessa proposta de disponibilidade corpórea com o outro, percebemos a conversa como algo que vive por si, que não há forma de comandá-la, nem de defini-la. E como essas conversas possuem vida própria, percebemos que o propositos havia se tornado somente a pessoa que **abre** a conversa, pois quando o outro que foi abordado **entra** na conversa, este outro está vivo, tem coisas a dizer, faz perguntas e traduz à sua maneira aquilo que está acontecendo no diálogo. Essas considerações merecem atenção especial por terem se transformado em território de experiências de *estar com*, de *estar junto*, de aberturas de relações, de possibilidades de pensamentos e de construções narrativas. Conversando com o professor e filósofo Jacques Rancière, percebemo-nos como *peças* que podem:

[...] traduzir à sua maneira o que percebem, de relacionar isso com a aventura intelectual singular que o tornam semelhante a qualquer outro, à medida que essa aventura não se assemelha a nenhuma outra. Esse poder comum da igualdade das inteligências liga indivíduos, faz que eles intercambiem suas aventuras intelectuais, à medida que os mantém separados uns dos outros, igualmente capazes de utilizar o poder de todos para traçar seu caminho próprio. O que nossas performances comprovam – quer se trate de ensinar ou de brincar, de falar, de escrever, de fazer arte ou de contemplá-la – não é nossa participação num poder encarnado na comunidade. É a capacidade dos anônimos, a capacidade que torna cada um igual a qualquer outro. Essa capacidade é exercida através de distâncias irredutíveis, é exercida por um jogo imprevisível de associações e dissociações. (RANCIÈRE, 2012, p. 20)

Este improviso de presenças é um caminho para trabalhar a ação sugerida na pesquisa, como sensação/ação quando se vive uma experiência singular, como na condução normal das nossas vidas cotidianas, como também em nossas reflexões no campo da arte, da literatura, da ciência, ou seja, na nossa forma de construir conhecimento.

O objetivo fundamental proposto nessa ação de conversas é a criação de um espaço onde se desenvolvam experiências de vínculo entre as pessoas e o contexto da cidade. A cidade se transforma de um outro externo (um não lugar) para um outro encarnado. Exercitar os sentidos, buscar significados produzidos ativamente, revelar realidades, possibilitar o diálogo genuíno com a presença do outro como outro autêntico e tradutor de seu conhecer.

As conversas escritas

Quando a oferta de escuta é levada às pessoas comuns, elas falam, sobretudo, numa conversa com alguém que estas pessoas não conhecem de antemão. A conversa revela a relação entre pesquisadora e pessoa como “coisa”, como algo que nasce da relação entre dois e inaugura assim, um

terreno desconhecido para ambos, ao mesmo tempo em que estabelece também um vínculo afetivo entre estes dois desconhecidos.

Segue exemplo de narrativa construída enquanto conversa com a máquina de escrever:

Sérgio e Akeline.

O Sérgio disse que o pai da Akeline esqueceu de colocar o “J” na frente do Akeline. Mentira, é Akeline mesmo. Bonito assim, diferente. Akeline é Akeline, sem esquecimento de K(ausa). Sérgio disse que é pessoa difícil, mas que depois de conhecê-lo melhor, não se pensa mais assim. Não tanto. Disse também que as pessoas estão muito estressadas, que por qualquer coisa fútil já arrumam motivo para confusão, que se perdem. Akeline falou que a resposta do marido estava incompleta. Disse que com ele aprendera a rodear, rodeando para responder quem se é. Quem eu sou? Ela disse alto. Pensou e se emocionou. Tempo. Ficamos os três em silêncio. Ela chora. E diz: pergunta difícil. Como responder? Disse que as pessoas são muito decididas e que ela não era assim, não se sentia assim, que era mais indecisa, que esperava mais. Deixa eu ler. Ela pega a máquina e lê o que acabou de dizer. Sorri de volta e diz: eu fico aqui, não sei... Sou de outro tempo. Tudo bem eu ser assim? Olha para mim e para o marido.

O senhor Aires

Meu primeiro emprego em São Paulo foi num hotel. Lux Hotel, onde eu trabalhei. Naquela época, a hotelaria no Brasil era ainda incipiente. Olhando as perspectivas no ramo hoteleiro, vi que eu não tinha futuro ali. Fui então trabalhar no ramo da contabilidade. Era mil novecentos e sessenta e quatro. Aí meu irmão resolveu comprar o taxi. Mas não dava para comprar gasolina. Mandeí meu irmão vender o taxi. Fiz a contabilidade e vi que não dava para viver.

Conheci a Ritona, uma cearense, ela se engraçou comigo. Fiquei desempregado. Ritona me indicou ir na Shell para ver emprego. Graças a ela arranjei esse emprego.

Eu comecei a namorar a telefonista. Interessante, eu tive três casos na minha vida que deram azar. Acho que era o “y” de Suely. O problema do “y” ainda existe. Porque também teve a Noely, também teve problemas... Risos...

Dentro da perspectiva de uma estética relacional, pretendemos ainda verificar se a experiência da conversa pode sugerir aos participantes dos encontros a atribuição de algum sentido simbólico aos seus sentimentos, se é possível algum despertar de consciência em relação à própria vida que contenha uma qualidade estética, no sentido de permitir ao sujeito fazer e falar sobre aquilo que vive, com sentido e significado.

Referências Bibliográficas

BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Ver. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp. 20-28.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Formas de Vida*. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

RANCIÈRE, Jaques. *O mestre ignorante*. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.